

“Moçambique e a Explosão Demográfica”: Somos Muitos? Somos Poucos?

António Francisco¹

O maior defeito da raça humana é a nossa incapacidade em compreender a função exponencial (Bartlett 2007).

Em Moçambique, somos muitos? Ou somos poucos? Esta interrogação merece ser abordada, em qualquer altura do ano, mas mais se justifica no presente mês, porque se celebra o Dia Mundial da População a 11 de Julho. Em 1989, a Organização das Nações Unidas (ONU) elegeu a referida data, inspirando-se no interesse público gerado pelo 11 de Julho de 1987, dia em que a população mundial atingiu cinco mil milhões de pessoas. Desde então, o 11 de Julho de cada ano tornou-se o evento anual de referência para procurar sensibilizar a opinião pública internacional, sobre os problemas demográficos e o seu impacto no desenvolvimento da sociedade.

O termo “explosão demográfica” é por vezes desvalorizado como alarmista e pessimista; mas tal só acontece com pessoas que não fazem esforço para pensar e reflectir na impressionante transformação demográfica, observada na humanidade, nos últimos dois séculos. Foram precisos muitos milhares de anos para que a população mundial² atingisse mil milhões de pessoas, por volta do ano 1800. Depois disso, a população tem crescido exponencialmente. Em 1930, ou seja, 130 anos após a cifra de mil milhões, a população mundial atingia dois mil milhões de pessoas; Em 1960, apenas 30 anos mais tarde, atingiu três mil milhões; em 1975 atingiu quatro mil milhões; em 1987, isto é, apenas 12 anos depois, atingiu cinco mil milhões de pessoas; em 1999 seis mil milhões e, em 2011, ultrapassou os sete mil milhões de pessoas (Tabela 1) (Francisco 2010; Maddison 2008; UN 2011).

População	Ano	Tempo de Duplicação ⁽¹⁾
1 bilhão	1800	200.000? anos
2 bilhão	1930	130
3 bilhões	1960	30
4 bilhões	1975	15
5 bilhões	1987	12
6 bilhões	1999	12
7 bilhões	2011	12
8 bilhões ⁽²⁾	2026	15
9 bilhões ⁽²⁾	2050	24
10 bilhões ⁽²⁾	2070	20
11 bilhões ⁽²⁾	2096	não calculado
(1) Tempo (em anos) para atingir mil milhões (em anos).		
(2) Estimativa		
Fonte: Campbell 2007, p.239; Hardin, 1987; Maddison 2008; Wikipedia 2012.		

Se uma pessoa não se surpreende com tamanha transformação demográfica, em apenas dois séculos, dificilmente poderá apreciar as múltiplas e complexas implicações de tal fenómeno. Assim sendo, também não admira que proeminentes estudiosos da população mundial, como Thomas Malthus

¹ Director de investigação do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), Professor Associado da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), doutorado e mestrado em Demografia pela Universidade Nacional da Austrália e Licenciado em Economia pela Faculdade da UEM. Este texto corresponde à versão mais extensa do Ideias No. 45, Maputo, 13 de Julho de 2012, <http://www.iese.ac.mz/?target=investigador&investigadorid=8>.

² Tecnicamente, população mundial é o número de humanos vivos no planeta Terra num dado momento. A demografia é estudo da dinâmica mundial da população. O conceito de “população” compreende crescimento positivo ou negativo e estagnação, resultante de um componente **vegetativo** ou natural (diferença entre nascimentos e óbitos) e um componente **migratório** (diferença entre a entrada (imigração) e a saída (emigração) de pessoas de um território. As taxas de crescimento podem ser declinantes, embora positivas, significando que a população está crescendo menos, sem propriamente diminuir.

(1959), Garrett Hardin (1987) e Albert Bartlett (2007) sejam frequentemente mal compreendidos e questionados. Grande parte desta incompreensão deriva precisamente da grande incapacidade humana, destacada na citação em epígrafe, em compreender a função exponencial. Uma função matemática intimamente ligada a qualquer processo de crescimento ou diminuição rápida. Tal incapacidade manifesta-se, na vida quotidiana, em questões tão elementares como lidar e distinguir números grandes como mil milhões, de biliões e triliões.³

1. Em Moçambique... Também Existe Explosão Demográfica?

Um erro frequente no senso comum manifesta-se na ideia de que um extenso território desocupado justifica uma total despreocupação com a falta de espaço. Esta percepção prevaleceu e continua a prevalecer entre os moçambicanos, tanto em relação à extensão territorial do País em geral, como noutros domínios da vida social (e.g. acesso à terra agrícola; abundância de recursos naturais; o fluxo de trânsito urbano, entre outros).

A primeira parte do título deste texto reproduz o título de um pequeno artigo, publicado precisamente há 40 anos atrás, no Jornal "Notícias", por um dos mais destacados investigadores em ciências sociais, na década que antecedeu a Independência de Moçambique (Rita-Ferreira 1972). No seu comentário aos resultados provisórios do censo da população de 1970, António Rita-Ferreira chamou a atenção para a tendência de aceleração da taxa de crescimento populacional, a qual se aproximava dos 3% ao ano. Aconselhou ainda aos planificadores dos diversos serviços públicos e das actividades privadas directamente interessadas, a usarem uma taxa próxima de 3 % ao ano, nas suas estimativas e projecções para a década de 1970/80, em vez de recorrerem a taxas inferiores estimadas a partir dos censos anteriores.⁴

Entretanto, a referida década de 70/80 iria ser tomada de surpresa pelo Golpe de Estado de 25 de Abril de 1974, o qual abriu caminho para o processo de descolonização conducente à Independência de Moçambique em 1975. Não obstante as mudanças radicais e profundas, a nível político, social e económico, incluindo o impacto trágico da guerra civil que durou 16 anos, tais mudanças não se traduziram em alterações significativas no crescimento populacional, nem na estrutura etária e no regime demográfico moçambicano. Entre 1970 e 1980 a população cresceu, como antecipara Rita-Ferreira, a uma taxa média de 2,7% ao ano (Francisco 2011a; Francisco 2011c; Maddison 2008; UN 2011; UN 1981).

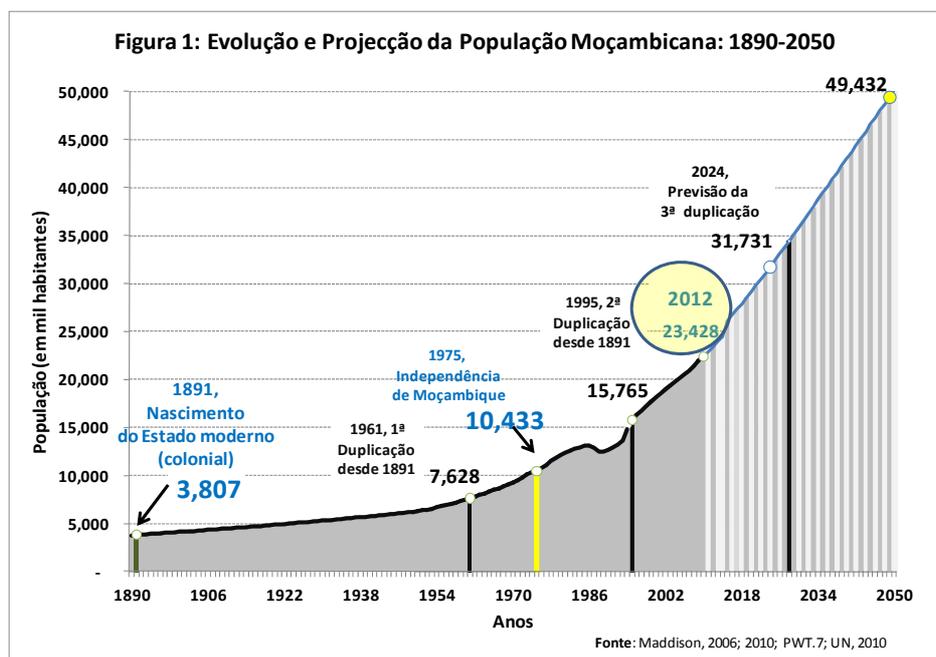
Desde que Moçambique nasceu como Estado moderno, em 1891, até ao nascimento do Estado soberano, em 1975, decorreram 84 anos. Neste período a população aumentou de 3,8 para 10,4 milhões de habitantes, atingindo a primeira duplicação em 1961 (7,6 milhões de habitantes). A segunda duplicação populacional aconteceu em 1995, ao atingir 15,8 milhões de habitantes. Em 2009, trinta e

³ Isto é notório na imprensa local. Por exemplo, quando o Jornal Notícias de 14 de Julho de 2012 escreveu na sua primeira página "Logística de minerais pode custar 400 biliões", que escala numérica usou – escala longa ou escala curta? Oficialmente, a escala numérica usada em Moçambique é escala longa, correspondente à usada em Portugal e maioria de outros países europeus. Neste sentido, os 400 biliões corresponderiam a 400 milhões de milhões (400 seguidos de doze zeros). Ora, isto é impossível, visto que toda a economia mundial ainda não produz uma riqueza material de 400 biliões. Significa, então, que número usado pelo Notícias corresponde ao termo bilião, da escala curta, usado no inglês dos Estados Unidos e no Português do Brasil, correspondente a um número com nove zeros. A crescente influência da terminologia do inglês americano e do português brasileiro tem gerado uma grande confusão na imprensa moçambicana (Francisco, 2009, <http://www.bazarconomia.org/course/view.php?id=2>).

⁴ Comentou também que o crescimento populacional não ocorria uniformemente. Enquanto em certas províncias (na altura chamadas distritos) o censo acusava estagnação, noutras a taxa de crescimento atingia níveis elevadíssimos "só explicáveis por circunstâncias anómalas": "...crescente atracção exercida sobre os rurais pela macrocéfala capital da Província"; "subavaliação do censo de 1960"; "...regresso às suas terras de largos milhares de moçambicanos que trabalhavam na Rodésia, regresso confirmado pelo censo realizado neste país em 1969" (Rita-Ferreira 1972).

quatro anos após o nascimento do Estado Soberano, a população moçambicana totalizava 21,7 milhões de habitantes, o dobro da que existia aquando da independência (Figura 1).

Voltando à questão da explosão demográfica, também em Moçambique, tal como a nível mundial, observa-se uma aceleração da taxa de crescimento populacional. Foram precisos 70 anos para que a população moçambicana duplicasse e apenas 34 anos, para atingir a segunda duplicação (Maddison 2008; Heston et al. 2011; UN 2011; Newitt 1997, pp.291–342).



2. Mais de 600 mil pessoas, Só em 2012!

Quantos somos, presentemente em 2012? Ao certo, ninguém sabe com exactidão. Tanto no Estado Colonial como no Estado Soberano, pouco foi feito para se estabelecerem sistemas públicos de registo dos factos vitais, capazes de reunirem dados vitais suficientemente abrangentes e rigorosos, nomeadamente: nascimentos, óbitos, migrações, casamentos, divórcios, entre outros. Existem, todavia, boas aproximações, elaboradas na base dos censos decenais, quer pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), quer por organismos internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP) e o U.S. Census Bureau.

Na base das estimativas disponibilizadas para 2012, a população moçambicana ronda entre 23,7 milhões, segundo o INE (2010) e 24,4 milhões de habitantes, segundo a ONU (UN 2011). Esta discrepância, atribuível a diferenças metodologias, perturba os que olham para os números de forma fetichista, razão pela qual frequentemente protestam, principalmente se os resultados são politicamente menos favoráveis do que os oficiais. Claramente, a opção da ONU de equacionar algumas variantes possíveis, em vez de eleger a mais conveniente, afigura-se sensata e correcta. Isto porque é preferível conviver com discrepâncias resultantes das incertezas das fontes, do que iludirmo-nos com certezas fictícias e enganadoras. Aliás, não é por se desconhecer o número exacto de nascimentos e óbitos, por dia, ou das entradas e saídas diárias do território moçambicano, que os problemas populacionais se avolumam.

Os dados disponibilizados, quer pelo INE quer por organismos internacionais, são satisfatoriamente realistas para quem quiser planificar e lidar com os problemas da população. Por exemplo, com base nos dados disponibilizados pelo INE, é possível prever que, em 2012, nascerão cerca de 2.670 crianças e morrerão cerca de 857 moçambicanos, por dia. Assim, no corrente ano, a população moçambicana aumentará, a uma média diária de 1.800 pessoas; ou seja, no final de 2012, à população estimada em 23 milhões de habitantes, em 2011, deverão adicionar-se cerca de 660 mil pessoas. Sem contar obviamente os fluxos migratórios, os quais têm variado significativamente ao longo do último século, tanto em relação à imigração - i.e. o afluxo da população estrangeira ou "alienígena", na terminologia do IV Plano de Fomento (Presidência do Conselho 1973, pp.100–102)) como à emigração

(e.g. fluxo de mineiros moçambicanos para a África do Sul e outros países vizinhos; o êxodo massivo de pessoas após a independência; os milhares de deslocados por causa da guerra civil entre 1977 e 1992 (First 1983; Mosca 2005, pp.111–117; Newitt 1997, pp.404–406; Rita-Ferreira 1969; UN 1981, pp.21–24). E aqui está o ponto importante a destacar. O que temos feito, ao longo do corrente ano, para acomodar e integrar os 660 mil moçambicanos adicionais que deverão sobreviver neste ano de 2012? Para se ter uma melhor dimensão do significado destes números, vejamos a seguinte comparação. O efectivo de 970 mil nascimentos estimado para 2012, equivale ao total da população feminina vivendo actualmente em Cabo Delgado, ou em Manica, ou ainda ao total de homens existentes em Sofala.

Após subtrairmos os óbitos que se prevê ocorrer em 2012 (cerca de 313 mil óbitos) o balanço final rondará 660 mil pessoas. Daí que o INE estime que em 2012 a população moçambicana alcançará os 23,7 milhões: 23 milhões de 2011, mais o acréscimo de 660 mil sobreviventes em 2012. Este efectivo de 660 mil pessoas equivale ao total de homens vivendo actualmente na Província de Inhambane, ou na Província de Gaza, ou ainda ao total de mulheres que habitam presentemente na Cidade de Maputo.

Perante este quadro, é fácil voltar à dupla interrogação inicial: Somos muitos? Ou somos poucos? Comparando o ritmo de crescimento populacional com as oportunidades de emprego, condições económicas e padrão de vida, a mais realista e honesta resposta à primeira questão é simples: Somos muitos e a multiplicarmos rapidamente. A população moçambicana continua a aumentar a um ritmo extremamente difícil de ser acompanhado e superado pela capacitação física e institucional necessária, para se garantir um padrão de vida digno.

3. Em que Sentido... Somos Poucos?

Contrariamente às declarações públicas dos governantes moçambicanos, o chamado capital humano, constituído pelos recursos humanos, é profundamente pobre, em múltiplos sentidos: rendimento, capacidade produtiva e educacional; saúde, experiência e habilidades profissionais e tecnológicas. Neste sentido, é lícito afirmar que, todos juntos, os cerca de 23 milhões são poucos para a dimensão dos desafios que a população moçambicana enfrenta nos dias de hoje. Porém, existe aqui uma armadilha analítica.

Por mais contra intuitivo que possa parecer, as enormes carências observadas presentemente em Moçambique não serão nem poderão ser superadas por via do aumento do tamanho da população. Pelo contrário! O aumento da população tem agravado os problemas existentes. Basta referir um simples exemplo; assumindo que a taxa de analfabetismo ronda presentemente os 48%, Moçambique possui hoje cerca de 11 milhões de analfabetos e 12 milhões de alfabetizados.

Tanto o efectivo de alfabetizados como o efectivo de analfabetos são já superiores à população total que existia por ocasião da Independência. Isto acontece porque o ritmo de melhoria da taxa relativa de alfabetização não tem sido suficientemente acelerado para compensar o ritmo de crescimento demográfico e traduzir-se numa maior redução do efectivo absoluto de analfabetos. Por isso, a resposta à questão, “Somos Poucos?”, precisa ser procurada e encontrada na melhoria da qualidade da população existente, em vez do aumento populacional. Isto implica transferir a atenção, os esforços e o investimento da quantidade para a qualidade da população existente (Francisco 2011a; Francisco 2011c, pp.259–271).

4. Que Perspectivas para Moçambique?

Se as previsões demográficas da ONU, para o século XXI, se concretizarem, em dois séculos a população moçambicana aumentará da módica cifra de 3,8 milhões (1891), para cerca de 74 milhões em 2091 (UN 2011). Ou seja, um aumento populacional de quase 20 vezes mais.

Em 2007, o autor deste texto, fez referência à declaração do Governo Moçambicano na sua Política Nacional de População (PNP) de 1999, sobre a intenção de alcançar uma taxa de crescimento da população economicamente sustentável (Conselho de Ministros 1999; Francisco 2007, p.12). À medida que o tempo passa torna-se cada vez mais evidente que o Governo não tem uma ideia clara do que significa uma taxa de crescimento sustentável, muito menos do que fazer para a atingir. Isto é agravado, em grande parte, pela percepção na economia e gestão de que taxas inferiores na economia ou em negócios específicos (por exemplo, inferiores a cinco por cento), são pouco atractivas, enquanto no domínio populacional qualquer taxa superior a zero é, de facto, demasiado elevada (Francisco 2007, p.12; Hardin 1987).

Presentemente, para além das declarações politicamente correctas e convenientes, as percepções e acções governamentais com impacto na população, deixam muito a desejar. A título de ilustração, considere-se os seguintes exemplos:

1. Desde os primeiros anos de Independência, políticos e governantes têm exibido uma fascinação exagerada e acrítica pela vasta extensão territorial do País e sobretudo pelos seus abundantes recursos naturais, denotando uma percepção vulgar, romântica e irrealista sobre a relação entre população, economia e desenvolvimento. A referida fascinação domina actual a liderança política e governamental, tendo passado de uma perspectiva meramente contemplativa para uma determinação de se procurar tirar proveito, quanto antes, dos recursos naturais. Aos métodos predatórios, típicos da economia de subsistência em espaços geográficos de baixa densidade populacional, assiste-se a um crescente recurso a outro tipo de métodos predatórios determinados pela acumulação em vez da subsistência. O tempo dirá se ou em que medida os factores institucionais e ideológicos irão incentivar ou, pelo contrário, dificultar o estabelecimento de uma gestão dos recursos naturais tendente a endogeneizar não só os custos mas também os benefícios na nova economia extrativa que tem estado a emergir.
2. A aspiração governamental por uma rápida redução da mortalidade e da morbilidade carece de acções correspondentes a nível da comportamento reprodutivo e da fecundidade, com vista a contrariar e eventualmente minimizar e estancar a explosão demográfica. Não obstante a transição demográfica em Moçambique ser ainda incipiente, ela está em curso, com tendência para que a ruptura com o regime demográfico antigo se prolongue por um longo período, antes que um novo equilíbrio reprodutivo sustentável entre os componentes da dinâmica populacional possa ser restabelecido (Francisco 2010; Francisco 2011a; Francisco 2011b; Francisco 2011c).
3. A política de migração (incluindo imigração e emigração) tem revelado, ao longo dos anos, graves manifestações de anti desenvolvimento quer contra a população quer contra a modernização da sociedade moçambicana em geral. Desde 1975, a questão migratória vem sendo abordada de forma frequentemente preconceituosa, controversa e com visíveis manifestações quer de discriminação contra a mulher moçambicana (e.g. Artigo 14º, Alínea e), perda da nacionalidade, Constituição 1975; Secção II, nacionalidade adquirida, Constituição de 1990); quer nos movimentos migratórios internos compulsivos (e.g. "operação produção" – Um Programa governamental, introduzido em 1983, após o IV Congresso do Partido Frelimo, visando deslocar pessoas consideradas improdutivas, desocupadas, inúteis e indesejadas nos centros urbanos); na propensão para a xenofobia e nacionalismo estreito (e.g. nacionalizações em 1975 e 1976, visando o confisco compulsivo da riqueza e a eliminação da propriedade privada. Recentemente emergiu uma nova restritiva, em reacção ao recente fluxo imigratório, o qual tem merecido o apoio da imprensa oficiosa e comprometida com certas facções da elite política e governativa (Ratilal 2001; Notícias 2012; Domingo 2012). Enquanto não formos capazes de superar preconceitos xenófobos e nacionalistas a política migratória facilmente será usada contra o desenvolvimento nacional, principalmente se fomenta mais a migração ilegal e informal do que a migração legal, tornando um desperdício do ponto de vista da melhoria da capacitação e qualidade da população moçambicana.

Estes são apenas três entre muitos exemplos ilustrativos da necessidade de se debater os problemas da população moçambicana. A Política Nacional de População precisa ser revista, não só para que

reflicta os novos resultados de pesquisas recentes, como também para que assuma uma função mais progressiva e proactiva no processo de desenvolvimento moçambicano (Arnaldo & Muanamoha 2011; Francisco 2007; Francisco 2011a).

5. Referências

- Arnaldo, C. & Muanamoha, R., 2011. Comportamento Demográfico e Desafios de Desenvolvimento Sócio-económico em Moçambique. *Revista de Estudos Demográficos*, 49(1), pp.37–52.
- Bartlett, A., 2007. Arithmetic, Population and Energy - a talk by Al Bartlett on the impossibility of exponential growth on a finite planet. *Al Bartlett*. : www.albartlett.org/presentations/arithmetic_population_energy.html.
- Conselho de Ministros, 1999. *Aprovada Política de População, Resolução No. 5/99, de 13 de Abril. Boletim da República, I Série, No. 14, 4o Suplemento.*, Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.
- Domingo, 2012. Editorial: O Problema da Nacionalidade Moçambicana. *Domingo*, p.1.
- First, R., 1983. *Black Gold: The Mozambican Miner, Proletarian and Peasant*, Palgrave Macmillan.
- Francisco, A., 2011a. A Natureza Incipiente da Transição Demográfica em Moçambique. *Revista de Estudos Demográficos*, 49(1), pp.5–35.
- Francisco, A., 2010. Crescimento Demográfico em Moçambique: Passado, Presente... que Futuro? *IDeIAS*, Boletim Nº 28. : www.iese.ac.mz/lib/publi-cation/outras/ideias/ideias_32.pdf.
- Francisco, A., 2011b. Em que Fase da Transição Demográfica está Moçambique? *IDeIAS*, Boletim Nº 33. : www.iese.ac.mz/lib/publi-cation/outras/ideias/ideias_32.pdf.
- Francisco, A., 2007. Prefácio. In *Fecundidade e seus Determinantes Próximos em Moçambique: Uma Análise dos Níveis, Tendências, Diferenciais e Variações Regionais*. Maputo: Texto Editores, pp. 9–12. : www.iese.ac.mz/?__target__=investigator&investigatorid=8.
- Francisco, A., 2011c. Ter Muitos Filhos, Principal Forma de Protecção Social numa Transição Demográfica Incipiente. In L. de Brito et al., eds. *Desafios para Moçambique 2011*. Maputo: IESE, pp. 231–282. : www.iese.ac.mz.
- Hardin, G., 1987. Population Growth: If You're Not Astounded You Haven't Got the Message. *The American Biology Teacher*, 49(5), p.285.
- Heston, A., Summers, R. & Aten, B., 2011. Penn World Table Verson 7.0. *Center for International Comparisons of Production, Income and Prices at the University of Pennsylvania*. : http://pwt.econ.upenn.edu/php_site/pwt_index.php.
- INE, 2010. Projecções Anuais da População Total, Urbana e Rural, Moçambique (2007 – 2040). *Portal do Instituto Nacional de Estatística*. : www.ine.gov.mz/populacao/projecoos/proj_pop_moz/.

- Maddison, A., 2008. Statistics on World Population, GDP and Per Capita GDP, 1-2008 AD. *Angus Maddison (1926-2010)*. : www.ggdc.net/maddison/content.shtml.
- Malthus, T.R., 1959. Ensaio sobre a População (1798). *Scribd*. : www.scribd.com/doc/58756512/Thomas-Robert-Malthus-Ensaio-sobre-a-populacao.
- Mosca, J., 2005. *Economia de Moçambique, Século XX*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Newitt, M., 1997. *História de Moçambique*, Mira-Sintra: Publicações Europa-América.
- Notícias, 2012. Editorial. *Jornal Notícias*, p.1.
- Presidência do Conselho, 1973. *Projecto do IV Plano de Fomento*, Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda.
- Ratilal, P., 2001. *Percepções sobre a Economia: Aumento da Riqueza Nacional, Distribuição Equitativa, Coesão Nacional*, Maputo: Associação Moçambicana de Economistas.
- Rita-Ferreira, A., 1969. Demografia da População Africana de Lourenço Marques. *Ind. Moçamb.*, Vol. 2, No. 5 (Maio), pp.143–174.
- Rita-Ferreira, A., 1972. Moçambique e a Explosão Demográfica. *Notícias*. : www.antoniorita-ferreira.com/pt/mocambique-e-a-explosao-demografica [Accessed June 7, 2011].
- UN, 1981. *National Experience in the Formulation and Implementation of Population Policy, 1960-1980. Mozambique.*, New York: United Nations.
- UN, 2011. World Population Prospects, the 2010 Revision. *United Nations (UN)*. : <http://esa.un.org/unpd/wpp/unpp/p2k0data.asp>.